

**RETRATOS DE UM TEMPO, POTÊNCIAS
DO PENSAMENTO: SOBRE
A CORRESPONDÊNCIA ENTRE THEODOR
W. ADORNO E WALTER BENJAMIN**

Adorno, Theodor W.; Benjamin, Walter.
Correspondência, 1928-1940/Adorno-Benjamin.
São Paulo: Editora Unesp, 2012

*Alexandre Fernandez Vaz**

A publicação no Brasil da correspondência entre Theodor W. Adorno e Walter Benjamin oferece uma rara fonte de estudos para o leitor interessado em ambos os autores, cujas vidas e obras se desenvolveram em íntima tessitura. Por meio das cartas é possível vislumbrar todo um percurso investigativo que trilharam entre o final dos anos 1920 e o ano de 1940, quando não só a correspondência é interrompida, mas a própria vida de Benjamin, levado ao suicídio entre 26 e 27 de setembro daquele ano. As cartas são também uma importante documentação sobre a experiência histórica em uma década crucial para o futuro do século XX. Adorno ainda era um jovem intelectual cuja obra já apresentava as grandes linhas do programa de pesquisa monumental que seria desenvolvido até sua morte, em 1969, mas cujo amadurecimento seria encontrado em décadas posteriores. Benjamin, onze anos

* Doutor pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha. Professor dos programas de pós-graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq). Pesquisador CNPq. E-mail: alexfvaz@uol.com.br.

mais velho, dedicava-se com afincos ao mais ambicioso de seus trabalhos, que permaneceria inacabado, a construção de uma arqueologia da modernidade a partir de seus grandes literatos, mas também, e não com menor importância, seus despojos, restos das promessas modernas que haveria de salvar do esquecimento. Das *Passagen-Werk* (BENJAMIN, 1983), volume que reúne fragmentos desse trabalho que começou em 1927, é, aliás, tema recorrente na troca de cartas com Adorno.

Correspondência, 1928-1940/Adorno-Benjamin, com tradução de José Marcos Mariani de Macedo, compõe a coleção de trabalhos de Adorno que, sob a direção de Jorge de Almeida, Ricardo Barbosa, Rodrigo Duarte e Vladimir Saflate, tem vindo a público sob os auspícios da Editora da UNESP. O livro contém, além das cartas complementadas por notas de rodapé, uma introdução geral à coleção, uma importante apresentação à edição brasileira, escrita por Olgária Matos, e um índice onomástico. Trata-se de material de pesquisa singular para todo aquele interessado não apenas nas obras de ambos os autores ou na Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt, mas nas vicissitudes do século XX, em especial aquelas da antessala da Segunda Guerra Mundial.

Não cessa no Brasil o interesse pelos escritos de Adorno e de Benjamin, fenômeno visível, entre outros aspectos, pela profusão de traduções que são ano a ano oferecidas aos leitores. Fruto de mais de uma geração de estudiosos versados em alemão, mais familiarizados não apenas com o ofício, mas com os intrincados labirintos de textos complexos e exigentes, as traduções cada vez mais elaboradas e fieis ajudam a colocar o debate sobre esses autores em novos patamares.

No que se refere às abordagens das extensas obras de cada um, o cotejamento entre elas não é algo novo, ainda que a presença ou não de Benjamin como um autor vinculado à Escola de Frankfurt não seja isenta de controvérsias. Desde o importante livro de Susan Buck-Morrs, *The Origin of Negative Dialectics*, publicado em 1977, ou até antes, do pioneiro trabalho de José Guilherme Merquior, *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, de 1969, até o recente volume de Rolf Tiedmann, *Adorno und Benjamin noch*

einmal, de 2011, são muitos os trabalhos que se dedicam à relação intelectual entre eles. A correspondência ajuda, sobremaneira, a avaliar as aproximações e distanciamentos, assim como as análises mútuas, avanços, dúvidas e dificuldades enfrentadas em cada uma das obras, algo fartamente compartilhado nas cartas. Nelas encontramos o testemunho de autores ciosos de seus trabalhos, interessados e preocupados com a apreciação crítica do interlocutor, bem como com o refinamento constante dos próprios argumentos. Observamos também o vínculo dos missivistas com o clima intelectual de seu tempo, escritores e outros personagens dos círculos por eles frequentados.

O cuidado de Benjamin com o próprio projeto intelectual, bem como a presença de suas reflexões na obra de Adorno, podem ser testemunhados, por exemplo, pela troca de cartas a respeito da aula inaugural deste na Universidade de Frankfurt, intitulada *A tarefa da Filosofia*, fortemente influenciada pelo primeiro, mas sem o devido crédito declarado. Esta questão também foi destacada por Olgária Matos na já referida apresentação à edição brasileira. Em carta de 17 de julho de 1931, Benjamin elogia muito o trabalho de Adorno, mas não se furta de destacar, logo depois de citar uma frase de seu interlocutor, que

Não poderia tê-la escrito sem nela me reportar à introdução de meu livro sobre o drama barroco, no qual essa ideia foi expressa pela primeira vez – uma ideia inteiramente inconfundível e, no relativo e modesto sentido em que pode ser reivindicada, uma ideia nova. Eu, de minha parte, seria incapaz de omitir nessa altura a referência ao livro. E menos ainda – mal preciso acrescentar – se me encontrasse em seu lugar. (ADORNO; BENJAMIN, 2012, p. 59).

Tudo chegou a bom termo com uma promessa de Adorno em fazer um agradecimento a Benjamin quando o trabalho fosse publicado, como atesta uma carta deste àquele, oito dias mais tarde: “Creio que agora podemos respirar. Que seu trabalho apareça, esse é meu sincero, diria até meu premente, desejo. Como eu poderia

ser um obstáculo ao anúncio programático de uma visão que me fala tão de perto?" (ADORNO; BENJAMIN, 2012, p. 60).

O longo período abarcado pela correspondência publicada – em que permaneceu “o desejo de manter intata e alerta nossa camaradagem filosófica”, vaticinado por Benjamin já em 17 de julho de 1931 (ADORNO; BENJAMIN, 2012, p. 59) – permite que o leitor acompanhe não apenas os caminhos dos respectivos pensamentos e a mútua influência, mas também a amizade que vai paulatinamente se desenhando. O tom mais distanciado das primeiras cartas vai dando lugar ao contato mais íntimo e pessoal. De qualquer forma, mantém-se com frequência a formalidade no tratamento, chegando ao ponto de em cartas de Benjamin destinadas a Adorno e sua esposa, Gretel, em cada parte destinada a um e a outro o uso do pronome mudar de *Sie*, tratamento formal, para *Du*, mais próximo e informal. Gretel já mantinha, antes de conhecer Adorno, uma forte amizade com Benjamin. O relacionamento bastante caloroso entre ele e ela também está documentado em cartas (*Briefwechsel 1930-1940/Gretel Adorno – Walter Benjamin*), material que ainda, infelizmente, não está disponível em português. As amizades de Benjamin – que na vida adulta parecem ter sido muitas, diferentemente de sua infância, como se supõe na leitura de *Infância berlinense: 1900* (BENJAMIN, 2010) – dizem algo, como já foi várias vezes comentado, de suas posições teóricas e políticas, mas também, evidentemente, da vida pessoal. As cartas endereçadas a Adorno constantemente trazem passagens sobre amigos e conhecidos, mas Benjamin geralmente é cauteloso nas opiniões, cuidadoso ao procurar não melindrar este ou aquele conviva. Isso se deve, certamente, ao afeto que lhes nutria, mas talvez também à situação de constante precariedade em que vivia, de forma que sempre lhe poderia ser útil, como várias vezes foi, a ajuda de pessoas de seu conhecimento.

Vale uma pequena digressão aqui. Com Adorno, além de Gretel, figuram Siegfried Krakauer e Ernst Bloch, entre outros, como amigos em comum. Heterodoxo, Benjamin ainda tinha em seu círculo figuras como o comunista Bertold Brecht, o sionista Gerschon Scholen, Hannah Arendt: o grande autor do teatro

alemão, o brilhante estudioso da cabala, a singular pensadora política. Novamente é a diversificada correspondência, mas também os ensaios de Benjamin, que mostram as influências de alguns desses amigos a quem, afinal, ele pouco pôde dizer *não*, em seus escritos ou na vida cotidiana. São também cartas e aforismos que testemunham um especial círculo de amigas.

Enquanto Benjamin mostrava-se econômico em relação a comentários duros sobre conhecidos e obras lidas, não era esse o caso de Adorno. Em carta escrita em Oxford, Inglaterra, em 25 de abril de 1937, Adorno refere-se a um importante ensaio de Herbert Marcuse, membro do Instituto de Pesquisa Social e anos depois ícone do Movimento de 1968, *Sobre o caráter afirmativo da cultura* (MARCUSE, 1997), de maneira implacável:

[...] li também o ensaio sobre cultura de Marcuse. Achei-o bastante medíocre; coisas de segunda mão, tomadas de empréstimo a Max [Horkheimer], atulhadas de ninharia cultural weimariana; obra de um professor de liceu convertido, embora muito zeloso. E, claro, dada a dimensão do objeto, absolutamente equivocada. [...] Com jovens como esse, a pessoa tem a impressão de que eles não mais tiveram experiências estéticas desde que se decepcionaram com o professor de alemão no primário. (ADORNO; BENJAMIN, p. 274).

Autores como Leo Löwenthal e Erich Fromm não tiveram melhor sorte com Adorno, como se lê na mesma carta em que o ensaio de Marcuse, publicado na Revista de Pesquisa Social, não é poupado, assim como tampouco Paul Lazarsfeld, sob cuja direção ele trabalharia a partir do ano seguinte no *Radio Research Project*, logo em sua chegada aos Estados Unidos da América.

A década de 1930 foi, para o Ocidente, marcada pela decantação de impulsos que levaram à Segunda Guerra e pelo *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt, resposta possível nos Estados Unidos da América à crise que quebrou a economia mundial nos anos anteriores. Aqueles anos tiveram como conteúdo também um

último suspiro das vanguardas estéticas. É este o ambiente com o qual se defronta toda uma geração de intelectuais centro-europeus e no qual emerge uma Teoria Crítica da Sociedade associada ao Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, liderado por Max Horkheimer. É a este Instituto que Benjamin se filiará depois de deixar a Alemanha e perambular por vários lugares, fixando-se, sempre que lhe foi possível, em Paris. Muitas das cartas do volume em análise, em especial as de Benjamin dos últimos quatro ou cinco anos de vida, mostram as dificuldades pessoais enfrentadas numa Europa paulatinamente sufocada pelo totalitarismo e pela penúria financeira que o acompanhava.

É este o caso de várias das cartas, repletas de um sentimento que o leitor atual mal pode supor a extensão, mas que se sabe ter sido de amargura, profunda decepção e muito medo frente ao que já se vivia e ao que ainda viria. A única certeza é que a esperança se esvaia em ritmo acelerado. A impossibilidade de sair da Europa e migrar para os Estados Unidos, apesar dos esforços de Adorno (por exemplo, carta de 15 de julho de 1939, p. 440), só fez confirmar todos os pesadelos.

Da Dinamarca, onde se encontrava em companhia de Bertold Brecht, em 10 de outubro de 1938, Benjamin dá notícias de seu trabalho sobre Baudelaire, tema então frequente na correspondência com Adorno que, em nome do Instituto, esperava ansioso a versão que a Revista de Pesquisa Social deveria publicar. “Extrema foi minha tensão nas últimas semanas pela colisão dos prazos históricos com os editoriais” (ADORNO; BENJAMIN, 2012, p. 394) escreve Benjamin, justificando a demora da carta em resposta a Adorno e aludindo às pressões para a conclusão do trabalho que coincidem, como se lê em nota, com o Tratado de Munique e o início da invasão nazista na Tchecoslováquia. Na sequência, Benjamin menciona o filho, a quem dedicara *Infância berlinense: 1900*, e a esposa Dora, de quem se divorciara sete anos antes:

Você pode facilmente imaginar como estive preocupado nas últimas semanas com minha mulher e com Stefan.

No momento não é preciso temer o pior, como fiquei sabendo há pouco. Stefan está na Inglaterra; minha mulher tentará transferir o negócio sem incorrer em prejuízos de maior monta. Para ganhar tempo, ela tratará por enquanto de uma transferência puramente formal. (ADORNO; BENJAMIN, 2012, p. 395).

Os trabalhos de Benjamin foram constantemente comentados por Adorno, e vice-versa, sempre em tom respeitoso, mesmo quando a crítica era dura. É o caso de uma polêmica bastante conhecida e já comentada por muitos, entre eles Giorgio Agamben (1978), e que diz respeito às severas restrições que a Revista de Pesquisa Social fizera à primeira versão do ensaio sobre Baudelaire, tema de tantas cartas e expectativas, a exemplo das análises de Adorno datadas de 2, 4 e 5 de agosto de 1935, compartilhadas, aliás, com Gretel (ADORNO; BENJAMIN, 2012, pp. 175-192). Segundo Adorno, em carta de 10 de novembro de 1938, faltaria mediação às análises de Benjamin, que perderiam em dialética na medida em que os conteúdos da poesia de Baudelaire vão sendo relacionados de forma direta com a história social (ADORNO; BENJAMIN, 2012, p. 401). Benjamin responde-lhe detalhadamente em 9 de dezembro do mesmo ano, justificando escolhas e discutindo aspectos que, em parte, seriam retomados por Adorno em carta de fevereiro do ano seguinte. Como se sabe, o ensaio foi reformulado e publicado na Revista de Pesquisa Social. Muito já se comentou sobre as dificuldades de Benjamin, dependente financeiramente do Instituto, em enfrentar os responsáveis pela Revista frente à crítica tão pesada. Trata-se de questão sobre a qual o debate ainda se encontra longe de ser esgotado. Como de resto, aliás, acontece com todo o legado desses dois grandes autores do século XX, cuja potência, no entanto, segue nos exortando ao pensamento e a uma constante renovação da teoria crítica, aquela que, com todos os riscos, se ocupa do seu tempo em movimento.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W.; BENJAMIN, Walter. *Correspondência, 1928-1940/Adorno-Benjamin*. São Paulo: Editora UNESP, 2012, p. 487.
- ADORNO, Gretel; BENJAMIN, Walter. *Briefwechsel 1930-1940*. Frankfurt: Suhrkamp, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. Il principe e il ranocchio. Il problema del metodo in Adorno e in Benjamin. *Aut Aut*. n. 165/166, Florença: La Nuova Italia, mai./ago. 1978, pp. 105-117.
- BENJAMIN, Walter. *Das Passagen-Werk*, 2 vol, Frankfurt: Suhrkamp, 1983.
- _____. *Berliner Kindheit um 1900*. Frankfurt: Suhrkamp, 2010.
- BUCK-MORSS, Susan. *The Origins of Negative Dialectics: Theodor Adorno, Walter Benjamin and the Frankfurt School*. New York: The Free Press, 1977.
- MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: _____. *Cultura e Sociedade*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1997, pp. 89-136.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- TIEDEMANN, Rolf. *Adorno und Benjamin nochmal*. Erinnerungen, Begleitworte, Polemiken. Munique: text+kritik, 2011, p. 395.